

NOTAS & IMPRESSÕES

O sr. Antônio Ramos Ribeiro e os seus trabalhos

O sr. António Ramos Ribeiro e os seus trabalhos

Vai fazer dez anos—dez anos... como o tempo voa!...—que uma meia dúzia de revolucionários-aprendizes, a esfuziarem-se de medo, enjorcarem uma repúblicazinha inocente e pura, uma repúblicazinha vacilante como a cora-
Depois vieram outros escândalos, outros assaltos ao bolso de nós todos, vieram à meia luz indecisa da imprensa oposicionista outras moscambilhas, escamoteação de dinheiros por prestidigitadores de ofício que à moralidade

tado apela para o patriotismo dos comerciantes e dos banqueiros, solicitando-lhes que limitem os lucros para que não agravem os preços das mercadorias e das cambiais. O apelo não é ouvido porque a função do comerciante e do banqueiro é ganhar quanto podem nas transações que realizam. Do mesmo modo suplicar do operariado que dispense o aumento de salário é o mesmo que dizer-lhe que abdique da vida pela maneira mais atroz, pela fome. O conselho nunca será ouvido porque é absurdo supor que alguém se suicide pelo simples capricho ou conveniência de ou-

dos desses que a leram sem dar por isso, toda tremeliques como as pernas dos apodrecidos defensores do *status quo ante* — a falida monarquia do sr. D. Afonso Henriques. Val fazer dez anos, é verdade, e a gente voltando atrás a cabeça e olhando o passado de ontem não se contém que não diga quasi-saldoso: como o tempo voa! Para muitos arriscarem a pele, que lhes está sendo levada agora aos poucos, vourem também as ilusões, consubstanciadas em amplas liberdades, no que toca a satisfações a dar ao cérebro, e em bacalhau do sapateiro de Braga devem hoje uma situação desafonhada. As gazetas bravavam, chicoteavam, berravam justiça dura para os criminosos, mas estes não tinham vergonha nenhuma e riam descaradamente. A tal ponto de desvergonha tomou conta das suas almas de bandeoleiros que não se emendaram e, durante a guerra, os seus bolsos continuaram a encher-se e as suas panças estiveram sempre à ufa. O futuro pertencia-lhes.

Veio ultimamente o escândalo do ministério dos abastecimentos, e este caso

Apesar do mal da carestia ser um facto universal, dificilmente se encontrará entre os países vencedores ou neutros, outro onde a situação econó-

As três vintens o qto, no que respeita às necessidades estomacais. Cérebro e liquidação de muitos políticos, se houvesse um bocadinho de decêdo. A imprensa berrou, café a fumaça sobre o roubaifeira, mas no mais aceso da putgna calou-se tudo, como por encanto. Castigo aos ladrões nunca mais!

minia e aspondições de abastecimento apresentem um carácter de: maior gravidade. E, o que é pior, não se vislumbra num futuro próximo qualquer possibilidade de salvação para o mal que nos asobeja.

Fixemos, ainda que a traços ligeiros, alguns dos aspectos da situação portuguesa,

Confrontando os preços da libra-cheque em Junho de 1914 e 1920, encontramos uma diferença desfavorável de 342 0/0. Como somos um país deficitário, tendo de comprar, no estrangeiro uma grande parte das subsistências alimentícias, é evidente que a nossa situação cambial influi poderosamente na alta dos preços das cousas. Logo a seguir verifica-se uma diferença desfavorável no frete marítimo de 256 0/0 e, como a maior parte das mercadorias é conduzida aos nossos portos sob pavilhão estrangeiro, esta segunda sangria de outro derramado do país agrava mais e mais o problema cambiário. As nossas necessidades de importação para consumo em subsistências alimentícias e matérias primas para as indústrias, dados os preços actuaes, devem exceder, este ano, em valores, 220 000 contos, que terão por contra partida na exportação nacional e nacionalizada 120 000 contos. O deficit de balanço comercial cifrar-se há em 200 000 contos aproximadamente. Eis o factor principal da desvalorização da moeda. E a contribuir para o mesmo efeito temos o excesso da circulação fiduciária, que galopou de 80 000 a 400 000 contos, desde 1914. A reserva metálica, que deveria servir de base a esta circulação de papel, estaciona há muitos anos em 8 500 contos. Em certas circunstâncias e aumento da circulação fiduciária não affectaria o valor

parece a sua soberana vontade, sujeição do mais poderoso ao mesmo fraco, o que é uma imoralidade. Eis porque o cérebro não pode ver a barriga. Ela tem sido, contudo, através destes dez anos de simulacro republicano a palavra de ordem de todos os partidos.

da moda de os 320.000 contos de papel-moeda em relação ao papel de 1914, fossem aplicados em obras reprodutoras de riqueza, caminhos de ferro, trabalhos hidráulicos para aproveitamento de energia ou rega, arborização, etc., em nada o valor da moeda seria afectado. Mas não sucedeu assim. A riqueza nacional, pública ou particular, não é hoje maior do que em 1914. Não aumentou a nossa capacidade de produção, não criamos indústrias novas, não aumentamos as linhas férreas e nem sequer renovámos convenientemente o seu material fixo e circulante.

que, justamente porque o são—e bons partidos—teem vindo a lambem-se com o melhor do esforço de alguns milhares de cegos que ainda os toleiam. Se se preguntasse a muitos políticos a razão porque o eram, eles responderiam, se tivessem lata para isso: «Porque precisamos de comer». A questão é, pois,

Todo o aumento da circulação fiduciária serviria a cobrir as necessidades financeiras do Estado. O excesso das despesas sobre as receitas do Estado atingia actualmente a exorbitante cifra de 120.000 contos. O papel lançado para a circulação foi-se assim acumulando nalgumas mãos e servindo para os particulares seus detentores se lançarem na especulação mercantil, na aquisição de tudo o que representasse um valor real, comprando por 10 o que valia 2, visto que um prédio urbano, uma fábrica, uma propriedade rústica, ou o seu emprego numa empresa comercial de qual-

de barriga. Comer-se sem comida, eis o dilema; e como é muito menos pitoresco ser comido do que mastigar bem, foi deste modo que a repúblicazinha indígena e balbuciente criou aos peitos, enquanto fazia os seus tem-tens, uma considerável falange de comiões que, às

por natureza, sempre representam um valor, que o papel intrinsecamente considerado não tem, colocando o seu possuidor na iminência da miséria quando se pronuncia a bancarrota do Estado. A abundância dos numerais, ávido de colação em valores menos fictício como os que enumerámos, dando à propriedade uma valorização que até então não tinha é por si só um poderoso factor da alta dos preços. Este estado de coisas, derivado do aumento da circulação fiduciária e da sua aplicação às necessidades financeiras do Estado, tende a prolongar-se e a agravar-se. As classes imprópriamente chama-

duas por três, a valeiaçar exausta. Surgiram primeiro Ambaca e as águas de Rodam, seguidos de uma infinidade de escândalosinhos que, como cercas, enganchavam uma aos outros, deixando aos inimigos a impressão de que a primeira aventura da Rotunda ia floundrar, com o seu manto. «Acusação injusta porque o manto era pequeno e ladrões gram muitos» — acrescenta o sr. João Chagas, um dos mais ardorosos construtores desta repúblicazinha tan nova e com tantos vícios. Ele dizia: «nem, tá, não, eu não vou, não».

das *forças vivas* da nação reagem contra todo o aumento de tributação que, de resto, tem toda a possibilidade de endossar ao consumidor, dada a natureza endossável da maior parte dos impostos. Por outro lado, valha a verdade, o Estado não tem prestígio para impor sacrificios tributários seja a quem for, por isso que tem esbanjado com mão pródiga no aumento do funcionamento civil e militar a parte mais sã das receitas orçamentais. Os políticos, divididos em facções que se degladiam feroz e indecorosamente na ânsia da conquista do poder, invalidam e inutilizam

num mar de lama, como já liquidara a pestífera monarquia.

O sr. José Luciano que, como Luís XI, bem teria merecido o cognome de *Raposo*, pregava aos correligionários, matreiramente, a máxima: "Não he

O início da regeneração financeira está evidentemente na realização, através de tudo e contra tudo, do equilíbrio orçamental, facto que uma vez realizado dispensaria o recurso cons-

NÃO APOIAR!

NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

O calor aumentou, como é natural, visto que estamos em pleno estio, e desta subida de temperatura ruscita uma onda de insurrecção.

LOCUTORIO DUM INSURRECTO

O calor aumentou, como é natural, visto que estamos em pleno estio, e desta subida de temperatura resulta que o trabalho se torna mais penoso que de costume, o que é uma desgraça, e que o apetite diminui um pouco, o que é uma compensadora felicidade. O certo é que o calor está incomodativo, e não se percebe porque razão lhe atribuem os compêndios de física a vir-

diz, pode-se passar o verão desta maneira sem sofrer grandemente os incômodos do calor. Quando apetecer dar um passeio vai-se pela sombra e não há perigo. Passada, porém, que seja a canícula, quando as frialidades do inverno voltarem, dá-se-lhe enfião de carne gordas. Que não falte na panela o bonafoncho, não se lhe fuja com o presunto, não se esqueça o chouriço. No peixe é dar-lhe de azeite com fartura. Com tal sistema não haverá no inverno, como não haverá igualmente ca-

que o trabalho se torna mais penoso que de costume, o que é uma desgraça, e que o apetite diminui um pouco, o que é uma compensadora felicidade. O certo é que o calor está incomodativo, e não se percebe porque razão lhe atribuem os compêndios de física a virtude de dilatar os corpos, quando é visível que as pessoas andam agora mais magras e abatidas que nas outras estações. Quem tem uns escudos de seu val para as praias e dêste modo consegue esquivar-se um pouco aos atabafamentos estivais. O dr. Feras Moniz, por

exemplo, vai para Carlsbad, «fazer a sua cura de águas», diz um jornal. Quem não tem dinheiro não tem vícios nem doenças que exijam curas de águas—e não lhe resta para veranear senão a oficina. Um jornal francês, o *Excelsior*,

exemplo, vai para Carlsbad, «fazer a sua cura de águas», diz um jornal. Quem não tem dinheiro não tem vícios nem doenças que exijam curas de águas—e não lhe resta para veraneiar senão a oficina. Um jornal francês, o *Excelsior*, preocupado com os danos que o calor pode causar às gentes, dá estas dois conselhos, cada deles mais valioso, a saber: 1.º—Reduzir o exercício físico ao mínimo estrito; 2.º—Ir pela sombra. Arquiva-se. Fez no inverno passado um ano, aconselhava-nos o sr. João Verdade.

preocupado com os danos que o calor pode causar às gentes, dá a estas dois conselhos, qual deles mais valioso, a saber: 1.º—Reduzir o exercício físico ao mínimo estrito; 2.º—Ir pela sombra. Arquivase-se. Fez no inverno passado um ano, aconselhava-nos o sr. João Verdades, da sua secção do *Século*, a consumir gorduras à sobreposse, para melhor resistir ao rigor do frio. Arquivase-se também; e, dispostos a acatar tais sábios ensinamentos, já nem o calor nem o frio me assalalhavam, tranqüilo e satisfeito, a passar o tempo.

des, da sua secção do *Século*, a consumir gorduras à sobreposse, para melhor resistir ao rigor do frio. Arquiva-se também; e, dispostos a acatar tais sábios ensinamentos, já nem o calor nem o frio me assaralhopam, tranqüilo como estou perante as exageradas oscilações da temperatura. Não posso fazer menos que propinar aos leitores, por minha vez, numa meritória obra de vulgarização, os excelentes conselhos acima copiados. Já sabem os camaradas: amanhã, quando o aparecimento do

A guerra social

A LUTA NA ÁSIA MENOR

IV

Em toda a região dos montes Cáucasicos e nos contrafortes ao ocidente, ao sul e ao oriente, no país do Cáspio, o urso faz vitoriosamente frente à baleia, obrigando-a até a recuar, porque as tropas britânicas abandonam Batoum. Por outro lado, todo o antigo império turco está em plena efervescência. Toda a Ásia Menor vibra sob a influência do espírito nacionalista. Os seus diversos povos aspiram à independência, à liberdade! O tratado de paz, que o conselho superior dos aliados quer impor à Turquia, desenvolve o nacionalismo turco e o nacionalismo árabe. E as suas consequências são impor a guerra e não a conduzir à paz.

Eis os resultados da loucura dos dirigentes do Ocidente, que não quiseram pôr de acordo os seus actos de 1919-1920 com as suas palavras tantas vezes repetidas de 1914 a 1918! Encontramos sempre, nos actos dos governantes a prova da verdade do famoso apósteo de Kant: «a posse do poder corrumpo inevitavelmente o discernimento do raciocínio».

Com toda a lógica, Lênine e os seus colegas do commissariado do povo, foram levados a aliar-se com Mousa-pacha Kemal Pachá, o chefe dos nacionalistas turcos, visto terem um inimigo comum: a Gran-Bretanha e os seus aliados. Consistia, portanto, o seu interesse e comum em unirem-se para lhe resistir e para o atacar. Estabeleceu-se um acordo tácito, ou talvez escrito, o que se ignora. Mas isto pouco importa, visto que este acordo é, patente pelas consequências que os próprios acontecimentos provocam. A Ásia Menor está em plena efervescência, achando-se toda nas mãos de Mousa-pacha Kemal Pachá, incluindo a costa sul ou asiática do Mar de Mármara, a própria ilha de Mármara, guarda do caminho marítimo para Constantinopla, e até o golfo da Ismid. Os nacionalistas turcos estão senhores da situação, que o pequeno exército francês da Cilícia foi forçado a fazer um armistício. Para lutar contra os nacionalistas turcos, só há fracções do exército francês, em geral coloniais, e o exército grego. E este, o mais numeroso, porque Veneza, sofrendo a influência nociva da detenção do poder tem em vista fins imperialistas. A Gran-Bretanha acedeu aos seus fins, tanto no Ocidente, como na Ásia Menor, na Grécia e na Macedónia — à custa da Bulgária. Por esta forma comprou os seus serviços, fazendo de Veneza o seu encarregado de negócios o qual trabalhava em proveito dela.

Mas franceses e gregos são na realidade impotentes contra os nacionalistas turcos. Os primeiros porque a expedição à Cilícia só pode ser uma pequena expedição de algumas dezenas de milhares de homens, a maioria tropas negras, porque o povo de França recusar-se ia a fornecer homens e créditos para uma guerra seria se o seu governo fosse bastante abertamente ou tam tacanhamente para lhes pedir. Sob a influência dos resultados, que procuraram estabelecer o seu poderio económico na Ásia Menor, o governo francês tenta manter tropas e a sua autoridade nesta região, intentando o envio de tropas em pequenas fracções, o que só pode conduzir a um desastre. A política que consiste em delectar os povos negros ao combate contra os povos brancos, apresenta graves perigos para o futuro. Ela pode, na verdade levar os africanos, num futuro mais ou menos próximo, a longo prazo, a unirem-se para combater as populações europeias. Mas os governos não alcançam tam longe! Limitam-se aos seus interesses de momento ou às suas aparências, esquecendo-se de reflectir e de raciocinar. Quanto aos segundos, os gregos, a sua qualidade essencial não é a de ardor guerreiro, enquanto que o turco tem uma justa fama de excelente soldado.

A situação apresenta-se, portanto, muito favorável aos nacionalistas turcos, apoiados no Oriente pela República Federativa dos Soviéticos russos, no Sudeste por todos os foragidos dos povos árabes. Estes encontraram um chefe no emir Feisal, o filho do rei do Hedjaz, que a política britânica suscitou em 1915 para contrabalançar a política turca de então no mundo muçulmano.

O apelo à guerra santa, lançado pelo chefe dos fidalgos alemães, fracassou miseravelmente, porque na nossa época o paíxão religioso já não subleva as massas. Estas têm outros desejos, outros sentimentos. Um deles, muito poderoso, é, como já o demonstrei em 1916, nas minhas *Lições da Guerra Mundial*, o espírito de nacionalidade. Por isso, a guerra religiosa fracassou, enquanto que a guerra nacional é a de grande sucesso. Turcos e árabes entregam-se-lhe com ardor, porque querem a sua liberdade, conforme as promessas tantas vezes feitas e repetidas pelos governos ocidentais de 1915 a 1918.

O mundo assiste a uma série de guerras que se não teriam dado se os governantes e os dirigentes ocidentais tivessem procedido honestamente, isto é, tivessem realizado as suas promessas. Mas, cegos pela sua louca ambição de exploração das massas populares, não foram que a guerra mundial poz em movimento forças incoercíveis, e que o bom senso indicava que era necessário dar-lhes satisfação para se manterem como senhores. Preferiram procurar domá-las e só conseguiram provocar movimentos torrenciais, infinitamente perigosos para o seu próprio poderio de capitalistas. Com efeito, esta guerra nacional à qual assistimos é uma fase da guerra social mundial, da qual todos somos espectadores, actores ou vítimas. E isto é assim, porque estas nacionalidades lutam contra os imperialismos ocidentais que as quer em subjugar em proveito dos capitalistas e por que o aliado e o sustentáculo dos nacionalistas asiáticos é a República Federativa dos soviéticos russos.

O valor social e psicológico dos factos não consiste tanto nos factos em si, mas na interpretação geral dos mesmos. Ora, o que com razão ou sem ela, Lênine e o bokevismo soviético simbo-

A BATALHA

NOTAS & COMENTARIOS

O pessoal mantém a greve de braços caídos. O edifício cercado por metralhadoras, cavalaria e infantaria da guarda

Proseguem com a maior firmeza a greve de «braços caídos», iniciada antontem e ratificada ontem pelo pessoal da Imprensa Nacional, verificando-se uma coesão completa entre todos os seus componentes.

Já a *Batalha*, no seu número de ontem, largamente se referiu aos motivos que determinaram o gesto da greve pessoal, gesto que se firma na desatenção, por parte dos governos, da satisfação das suas reclamações sobre aumento de salários, que são irrisórias comparadas com os dos seus camaradas da indústria. Particular e insuficientemente em face da sempre crescente carestia da vida.

Há seis meses que esse pessoal se tem sacrificado até ao máximo, arrastando uma vida miserável e sacrificando-se a si e aos seus, sempre esperando de que as promessas governamentais se convertessem em realidade.

Criou-se para esse pessoal uma situação quase aviltante e em face das suas promessas de quem tinha o dever de velar pela situação daqueles honestos servidores do Estado, deu-se a natural eclosão do movimento que há muito vinha sendo evitado.

Portou-se esse pessoal adentro das oficinas com a maior compostura e serenidade até o momento em que, ontem, pelas 15 e meia horas, foi intimado a evacuar o edifício, donde saiu com a mesma serenidade até então demonstrada, e sem hesitações, ao contrário do que falsamente tem informado a imprensa.

Este facto verificou-se muito antes da chegada da força, caso a que adiante nos referimos.

Como na sessão realizada antontem não fosse possível proceder à votação de uma moção em que o pessoal era consultado sobre se deveria ou não continuar na atitude tomada, foi então, de manhã, essa moção sancionada por todo o pessoal em serviço activo, que demonstrou uma coesão digna de nota por constituir, por assim dizer, o voto unânime de todo o pessoal, que teve tempo suficiente para reflectir.

Em seguida uma comissão procurou o administrador geral, a quem deu conhecimento da moção, que é do teor seguinte:

O pessoal da Imprensa Nacional de Lisboa, reunido em assembleia geral, depois de ter paralizado o trabalho devido a não terem sido atendidas as suas reclamações e de não terem sido satisfeitas as suas reivindicações, resolveu: 1.º pedir a comissão que se avizitou com o presidente do ministério resolver e ratificar toda a confiança à comissão; 2.º manter o movimento iniciado até que sejam satisfeitas as suas reclamações; 3.º dar plenos poderes aos delegados para nomear o comité para dirigir o movimento; 4.º o pessoal segue as indicações desse comité e, consequentemente, retomará o trabalho quando lhe for notificado.

Após a votação, foi constituído um comité, que seguidamente fez circular entre todo o pessoal a seguinte proclamação:

Camradas! Os governos não nos tem atendido, apesar de todos os esforços das nossas comissões. Urge, pois, mostrarmos às entidades governativas que não estamos dispostos a consentir que brinquem com a nossa miséria. Como faz-lo? Cruzar os braços. Deixar manter a paralisação do trabalho para fazer vigiar as nossas reivindicações.

O comité que acaba de constituir-se, espera que o pessoal lhe dê todo o apoio, segundo as suas indicações, e dando a habilidade para dirigir o movimento.

Deveis mostrar firmeza, como melhor garantia da nossa vitória. — Lisboa, 10 de Julho de 1920. — O comité.

Em seguida à proclamação o mesmo comité fez também circular a seguinte nota:

A greve dos «braços caídos» foi votada por 287 e votos contra 56, que declararam, por escrito, acompanhar a maioria na resolução para fazer vigiar as nossas reivindicações.

E com grande satisfação que o Comité regista a maneira brilhante como o movimento vai decorrendo.

A comissão que nas suas demarches, o pessoal deve comparecer todas as vezes ao serviço e cumprir as disposições do Regulamento da Imprensa no que diz respeito a horas de entrada e saída, mantendo sempre com firmeza a atitude já tomada.

O pessoal deve conservar-se nas respectivas oficinas com a maior serenidade, assistindo a responsabilidade de tudo que ali contém. No caso de abandono do edifício, essa responsabilidade caducará. Se esse abandono for imposto no pessoal, deve fazer a responsabilidade de tudo que ali contém. No caso de abandono do edifício, essa responsabilidade caducará. Se esse abandono for imposto no pessoal, deve fazer a responsabilidade de tudo que ali contém.

O Comité, observando minuciosamente o movimento, nota o máximo entusiasmo, enquanto por isso as suas saudações a todo o pessoal.

Firmes, camaradas! Lisboa, 10 de Julho de 1920. O Comité.

Por estas informações que colhemos verifica-se que a atitude do pessoal da Imprensa Nacional é uma atitude digna, tendo a justificada a muita razão que lhe assiste e que não só tem sido reconhecida pelos governos transactos como ainda pelo actual, que também fez justiça às suas pretensões e que, após o conhecimento da miséria situação da greve pessoal, achou razoáveis as suas reclamações.

Outro tanto se não pode dizer da atitude do sr. Derouet que, tendo-se a princípio desinteressado por completo das reclamações do pessoal e mais recentemente procurado demonstrar a sua simpatia, dizendo reconhecer a justiça, se prestou ontem a instalar a força de guarda indicando os vários pontos do edifício onde as sentinelas deviam permanecer.

Não sabemos porquê nem para quê o edifício foi rodeado por forças de cavalaria e infantaria da guarda e um canhão com metralhadoras, quando é certo que o pessoal não cometeu o mais leve distúrbio.

Mais uma vítima

Acabamos de ser informados de que o operário Mário Trindade de Azevedo, igualmente condenado, como Joaquim Gonçalves e Américo Vilar, pelo tribunal scelerado, também foi transferido para o forte de Monsanto.

Este operário, bem como os outros, tem sofrido imenso no Limoeiro, onde se encontrava num estado verdadeiramente lastimável: descalço, coberto de parasitas e cheio de fome.

Seria, portanto, de toda a justiça que a solidariedade operária manifestada para com Joaquim Gonçalves e Américo Vilar se estenda a mais esta vítima do tribunal de defeza social.

As greves

Pessoal gráfico da Casa da Moeda

Desde há muito tempo que o pessoal da Casa da Moeda vem lutando pela conquista de melhoria de situação, não tendo sido até hoje atendido, respondendo-lhes sempre as entidades que deviam resolver o assunto, com evasivas ou com promessas que nunca foram cumpridas.

Naturalmente, o pessoal está já cansado de esperar e a constante subida do custo da vida impeliu-o a tomar uma resolução.

Foi o que fizeram ontem, pelas 15 horas, os gráficos deste estabelecimento do Estado, que declararam a greve de «braços caídos».

Uma comissão de delegados do referido pessoal fez entrega, ao presidente do ministério, duma representação, em que se reclama uma melhoria de situação, nas mesmas condições reclamadas pelos seus colegas da Imprensa Nacional, isto é, a equiparação com os salários da indústria particular.

O pessoal grevista mostra-se disposto a lutar até final, não só pela sua causa, como também pela dos seus camaradas da Imprensa Nacional.

Cabouqueiros e fabricantes de cal

Os operários cabouqueiros e fabricantes de cal, que se encontram em greve pró-aumento de salário, prosseguem firmes no seu movimento, animados da razão que lhes assiste, achando-se verdadeiramente entusiasmados por a paralisação ser completa em toda a área das pedreiras e calarias.

Ontem, pelas 10 horas, quando os operários grevistas se propunham reunir para apreciar a marcha do movimento, foram surpreendidos por quatro policiais da esquadra do Terreiro, os quais lhes ordenaram que, por ordem superior, tinham de abandonar a sede da secção e não mais poderiam reunir, pois se teimassem em faz-lo seriam presos todos quantos lá se encontrassem.

Em face da tal violência, os grevistas resolveram ir para a sede do Sindicato Único, onde reuniram pelas 16 horas, em grande número, resolvendo nomear uma comissão para se avistar com o governador civil, a fim de autorizar as grevistas a continuar reunindo na sua sede. A comissão fez-se acompanhar de um ofício, no qual, claramente, se descreviam as reclamações feitas aos patrões, reclamando também que o governador civil chame os industriais para, juntamente com os operários, se resolver o conflito com honra para as duas partes em litígio.

Como aquela autoridade não se encontrasse no seu gabinete, a comissão deixou o ofício de que era portadora, ficando de lá voltar hoje para obter a resposta.

O grevistas reuniram hoje na sede do Sindicato Único, pelas 15 horas, para que a comissão de demarches dos trabalhadores de cal, no sentido de dar solução ao conflito, prevenindo-se as camaradas do Alto do Pina de que devem enviar delegados a esta reunião.

Pessoal dos fósforos

O comité da greve enviou-nos a seguinte nota:

Continuamos no mesmo pé o conflito suscitado entre o pessoal e a Companhia e Governo, devido a não terem sido ainda deferidas as justas pretensões desta classe.

E' deveras para estranhar que o governo, a quem, dizem, compete velar pelos interesses do público, não tenha até hoje — após onze dias de greve — tratado de resolver uma questão que todos estão prejudicando: no pessoal cujos escassos 80 % de aumento desde o início da guerra deram em resultado os seus salários não ascenderem, em média, a 1560, (incluindo pessoal técnico, superior e dirigente) e ao público, a eterna vítima, que se vê privado de um artigo de inadiável necessidade.

Lamentando que em vez de se atender aos assuntos de vital interesse para o país, se cuide, única e exclusivamente, da politiquice mesquinha dos vários grupos, grupinhos e grupelhos, aqui lavramos o nosso mais solene protesto por não estar já solucionada uma questão que, como deixamos dito, não só está lesando os interesses do povo, ocasionando-lhe dificuldades insuperáveis, como também está prejudicando uma laboriosa classe que representa pelo menos seis a sete mil pessoas.

Senhores governantes! Se há qualquer dúvida em pôr em execução o acordo do Tribunal Arbitral, em consequência de se receiar que ele possa de qualquer modo beneficiar a Companhia dos Fósforos, estudem o assunto com a urgência que este caso requer, pois não se pode de forma alguma admitir que os interesses sagrados do pessoal continuem protegidos além de cinco meses, que tantos são os que decorrem desde que esta classe entregou à Companhia o pedido de melhoria de situação.

Secção de livreria de «A Batalha»

Como os livros da secção profissional foram aumentados pelos editores, em percentagem que ainda hoje desconhecemos, prevenimos as pessoas que os desejem adquirir que os seus preços, marcados no nosso anúncio da 4.ª página, são sem compromisso.

Naturismo

Sociedade Naturista Portuguesa. — Como estava anunciado realizou-se no parque do sr. João Pita, em Algés, o picnic organizado por esta sociedade e que compareceram bastantes naturistas de ambos os sexos decorrendo entre a maior animação.

Eltzer Kamenevski fez os seus habituais exercícios de ginástica de Muller com impavidez, demonstrando a superioridade deste método sobre os outros.

Terminado o lanche e trocadas várias impressões sobre o naturismo por alguns dos mais entusiastas propagandistas como Ingrid Tavares, João Pita, Álvaro Pinto e José da Fonseca, foram tirados dois grupos fotográficos dos assistentes.

O sr. Vilela, saudou num entusiástico discurso o apóstolo do naturismo Eltzer Kamenevski, o qual em sentidas e bem expressivas palavras agradeceu, fazendo ao mesmo tempo as suas saudações.

Também o sr. João Pita se congratulou com a visita ao parque de que é proprietário.

Partindo então para o Porto, às 3.30, o sr. Eltzer Kamenevski, está sociedade pede aos seus confrades o favor de comparecerem na estação de Lisboa R. para lhe fazerem uma entusiástica despedida.

Os sucessos de Setúbal

As proezas dum sapateiro, as selvarias da tropa e um discurso do comandante

E' sabido que nestes últimos tempos o preço dos géneros excedeu tudo quanto se pode calcular de exagerado. Em Setúbal, além da absolvição do comerciante de bacalhau podre, facto que ontem noticiámos, há pormenores interessantes passados nas lojas de fazendas e de sapataria.

Os mercadores chegaram a aumentar o mesmo artigo por duas e três vezes no mesmo dia! Na sapataria que foi assaltada, entrou há dias um operário, a fim de comprar umas botas. Pediram-lhe 18 escudos por um par. Como achasse caro, saiu a procurar noutras casas talcado, cujo preço não discordasse tanto das suas economias, mas como não tivesse encontrado, voltou à mesma loja a fim de levar as primeiras botas. Nessa altura pediu-lhe o dono da casa, em vez de dezoito, vinte escudos!

Tudo isto criou no povo um ambiente desfavorável aos profissionais do rubro... legalizado.

No dia 8 todos os sindicatos operários reuniram, segundo comunicação do nosso correspondente, a fim de promoverem reclamações que deveriam ser apresentadas às entidades superiores.

No fim da reunião, como constasse que no campo Bomfim se encontrava um povo reunido, para lá se dirigiu grande número de operários, comparcendo pouco depois uma grande parte da população.

Ai exaltaram-se os ânimos, seguindo a multidão para a Praça de Votage, protestando contra as infâmias dos assaltadores, sendo então apedrejados as portas dos armazéns.

Pouco depois os mesmos estabelecimentos foram saqueados, não se detendo mais a multidão até ao largo da Misericórdia, onde assaltou uma mercearia e a referida sapataria. A revolta foi natural, instintiva, não tendo outro incitamento mais do que a ganância dos capitalistas.

Sabedores do caso, as autoridades puseram-se em campo, saindo para a rua a guarda republicana, infantaria 11, tropa de guarnição e infantaria 11.

Distinguiu-se na selvaria a infantaria 11 que foi recebida a tiro pela população, constando haver dois mortos e bastantes feridos do lado da tropa. Um popular foi morto à baionetada por um soldado de infantaria 11, que lhe atrevessou a garganta com a baioneta, vangloriando-se do acto e mostrando a toda a gente a arma tinta de sangue.

O comandante do mesmo corpo do *briso* exército e o alferes Carmona incitavam os soldados a todas as barbaridades, chegando estes a espancar mulheres.

Uma delas ficou com a cara rasgada, e em seguida foi espancada à coronhada. Efectuaram-se cerca de 200 prisões.

No dia imediato, porém, a maioria dos presos foi posta em liberdade, tendo pronunciado o referido comandante um *brilhante* discurso, no qual atribuiu os assaltos à influência de *meneurs*, dizendo que em Setúbal não havia fome!

O administrador mandou transportar de noite os cadáveres das vítimas para o cemitério, para que o proletariado não pudesse acompanhar os funerais.

Ambos os falecidos eram soldados.

Em demonstração de protesto contra este expediente das autoridades, a classe dos soldados fez-se representar em grande número no funeral dum componente da classe que falecera vítima pela tuberculose.

A força, em seguida aos assaltos, andou fazendo rusgas em várias casas, no intuito de apreender artigos de vestuário e calçado, tendo apreendido fazendas que dos estabelecimentos foram retiradas pelos populares.

Ultimas notícias

A guerra vermelha

Segundo a Rádio, e ao contrário do que dizem os jornais espanhóis e franceses, as perdas polacas não tem importância.

PARIS, 10. — A missão polaca em Espanha fornece informações que foram reproduzidas na imprensa francesa sobre as operações do exército polaco. O exército recebeu ordem de evacuar as posições ocupadas até agora e de recuar pelas linhas de ante-mão preparadas. A rota da operação é numa ordem perfeita, conforme as decisões do chefe supremo do exército polaco resistiu encarnadamente. O comando bolchevista esforça-se por infligir ao exército polaco uma derrota de importância mas apesar das perdas enormes sofridas, não o pôde conseguir. — Rádio.

O Conselho Supremo vai dizer asneiras sobre a questão.

SPA, 10. — Realizou-se hoje um reunião do Conselho Supremo para discutir as questões russo-polacas. — Rádio.

As tropas bolchevistas avançam em toda a linha

VARSÓVIA, 10. — Comunicado polaco de 8 do corrente:

Entre o Dvina e o alto Berezina destacamentos polacos recuaram diante de forças superiores dos bolchevistas, defendendo cada polegada de terreno. Foram reconhecidos mais avanços no primeiro ataque. A 1.ª linha de defesa em acção nos reservos, ocupando os bolchevistas agora as localidades de Gornowicz e de Dzikowice, recuaram a bolchevista num movimento de flanco apareceu ao norte de Dzikowice.

Depois de muitas tentativas os bolchevistas conseguiram com grandes forças avançar a Berezina, onde a 2.ª linha de defesa, deste de Berezina, um destacamento mais poderoso fôreu o Berezina no sul da linha do mesmo nome. A acção dos polacos recuou o inimigo das margens do rio desenvolve-se favoravelmente ao sul de Bobruisk. Os ataques dos bolchevistas foram repellidos com grandes perdas. — Rádio.

A questão turca

Mustapha Kemal decreta a mobilização geral na Anatólia

ATENAS, 10. — Informa a «Nova Democracia» que Mustapha Kemal decretou a mobilização geral na Anatólia, e procede ao recrutamento forçado de homens válidos sem distinção de religião. — Rádio.

Os aliados querem que a América proteja... a Turquia

PARIS, 10. — O *Journal des Debats* recomenda aos aliados a preparação dos meios práticos para executar o Tratado que vai ser assinado com a Turquia, e acrescenta que a protecção da América pelos aliados é essencial para o seu particípio. — Rádio.

Lisboa doente

Segundo o boletim de sanitária, apresentado na última sessão do Conselho Superior de Higiene, na semana finda em 5 do corrente, manifestaram-se em Lisboa casos de difteria, 5 de febre tifóide e 2 de varíola e no Porto 1 de difteria e 2 de sarampo.

Sociedades de Recreio

Grupo Dramático «Os Combatentes»

— Continuação das festas de inauguração da sua nova e ampla sede, na Rua do Po-solo, com baile às 21 horas.

Grupo Dramático Lisbonense. — Realiza baile às 21 horas.

Sociedade Filarmónica Euterpe de Benfica. — Esta antiga e conceituada sociedade realiza hoje, no aprazível Parque Silva Porto, a continuação dos festejos de verão, tocando a banda da Sociedade de Lozes e havendo certame de fados.

COMUNICAÇÕES

Sindicato Único Metalúrgico. — Na reunião da assembleia geral, realizada antontem, foi presente o parecer da comissão revisora de contas, respeitantes ao balancete apresentado pelo camarada secretário da comissão executiva do Conselho Técnico, a quem foi destinada a responsabilidade do recebimento e distribuição dos donativos para os grevistas dos telefones.

Como o dito parecer, pelas faltas que aponta, motivasse o prolongamento da reunião e por motivo da hora já avançada, ficou suspensa a assembleia para continuar na próxima quarta-feira, a fim da mesma resolver sobre tal momento assunto e bem assim resolver sobre o aumento da conta sindical, que se torna necessário para fazer face aos novos encargos da C. G. T. U. S. O. e jornal *A Batalha*, pelo que, por esta forma, findará a ordem dos trabalhos desta assembleia.

Pessoal dos Tabacos. — Reuniu ontem, extraordinariamente, a comissão administrativa em conjunto com a comissão de melhoramentos, para tratar de elaborar trabalhos importantes para a classe, como seja tratar por todos os meios possíveis da readmissão do pessoal que se encontra fora das fábricas por motivo do último movimento.

Também se encarregou a comissão de melhoramentos, junto com a comissão administrativa, de fazer as suas reclamações para as apresentar no momento oportuno que se julgue conveniente.

Apreciou as finanças deste sindicato, que estão muito áquias das despesas a quem de corresponder perante os organismos centrais, como sejam à Confederação Geral do Trabalho e à União dos Sindicatos Operários, e outras despesas feitas com o mesmo sindicato. A exemplo de todos os sindicatos de Lisboa, resolveu fazer um apelo a todos os sindicatos para que seja elevada a cota de 5 centavos para 10 centavos, a começar em vigor no dia primeiro de Agosto, após este que espera se bem aceite por todos, porque não devem querer deixar morrer o seu sindicato, pois é dele que tem recebido todas as regalias actuais e receberá futuras e para não fazer a vontade aos que nos exploram a todo o momento.

Sindicato Único da Construção Civil. — Secção dos Serradores. — A comissão profissional desta secção convidou todos os serradores sócios ou não sócios a munir-se das novas tabelas de preços de serragem, dirigindo-se para este efeito à sede, onde todos os dias encontram delegados desta comissão para os atender, das 21 horas em diante. Outrosim participa a mesma comissão a todos os encarregados ou mestres de obras de construção civil e estaleiros de construção naval, para que, necessitando de serradores, os requisitem na sede, calçada do Combro, 38, A, 2.º. Ficam também por este meio convidados os camaradas Joaquim Penela, ex-tesoureiro; Rodrigues Gomes Piedade e José Rodrigues Asencio a comparecer na sede, hoje, pelas 14 horas, para juntamente com a comissão profissional resolverem assuntos que se prendem com as contas de 1919, devendo vir munidos de quaisquer documentos, que com as mesmas se relacionem.

Sindicato Único Mobilário. — Comissão administrativa. — A comissão de inquérito nomeada na última assembleia, deve comparecer na reunião desta comissão, amanhã, a fim de prestar contas do seu mandato.

Pessoal Maior dos Correios e Telégrafos. — Para se tratar da anulação das transferências feitas por motivo da última greve, é convocado todo o Pessoal Maior dos Correios e Telégrafos para uma assembleia geral, que deve realizar-se, na sede da associação de classe, hoje, pelas 14 horas.

Operários municipais. — São convocados todos os operários do Município a assistir à reunião magna que se realiza hoje, pelas 15 horas, na sede da Federação da Construção Civil, calçada do Combro, 38-A, para a Comissão de Melhoramentos dos Operários Municipais, dar conta das «demarches» realizadas.

Vida Sindical

Augusto Hamon

(1) Vejam-se os nossos estudos em publicação, na «Sociedade das Nações» (revista de Berna) e que formará um volume a aparecer em francês, português e inglês.

Trabalhadores lêde e propagai

"OS JUDEUS TEM A CULPA DE TUDO"

Uma forma pífida de desviar a atenção do povo da verdadeira origem do mal

Andrés Révész, em *El Sol*, de Madrid, dá um aspecto dessa grande luta de raças e de religiões, que ainda hoje, no século vinte, fomenta a prática de crimes hediondos, em que a religião católica se manifesta ferozmente perseguidora.

São de Révész as palavras que se seguem e que traçam de relevo a psicologia da multidão ignorante e depravada, que os seus senhores maneja em toda a liberdade:

«Por baixo da janela do meu quarto passa a multidão. Um dos seus chefes volta-se para trás e começa a gritar: «Quem tem a culpa de que tenhamos perdido a guerra?»

E o côro responde colorido:

«Os judeus!»

A multidão segue o seu caminho. Com passos mais adiante, outro manifestante ergue a voz:

«Quem tem a culpa da nossa miséria?»

E os outros respondem outra vez:

«Os judeus!»

Presenciei uma de entre tantas manifestações anti-semitas.

A noite entrei num restaurante. Perdi a minha mesa, seis jovens comiam, bebiam e divertiam-se. O criado traz-lhes o prato de carne. De repente um deles exclamou:

«Quem tem a culpa de que estas coitadas sejam tão duras?»

«Os judeus!» — respondem os outros, rindo.

Segundo a opinião dum parte importante da multidão da Áustria e da Hungria, os judeus tem a culpa de tudo: da guerra cruel e da paz desastrosa, do capitalismo e do bolchevismo, da democracia e da reacção. Os diários católicos de Budapeste afirmam que Clemenceau, Lloyd George, Nitti e Wilson pertencem à Maçonaria, isto é, que servem os interesses do judaísmo internacional, e com as cláusulas draconianas

do tratado de Neuilly querem castigar a Hungria cristã e conservadora. Se esta acusação corresponde à verdade, porque queriam impor os chefes «maçons» da Entente o mesmo castigo a Hungria democrática de Károlyi e porque castigaram tam duramente a Áustria de Renner, de Baier e de Adler?

E' inegável que uma grande parte dos judeus tem uma conduta pouco digna, que irrita justamente a população cristã. Muitos judeus realizaram durante a guerra, e depois do armistício, lucros fabulosos, e em vez de ocultar os seus milhões mal adquiridos, estão gastando-os com ostentação. São eles que povoa os balneários caríssimos, e das suas fileiras saem os «Schieber» e os «Kettenhändler» que nos restaurantes e cervejarias pagam mil coras por uma garrafa de «Champagne».

Por outro lado, as ruas de Viena estão cheias de judeus de Galitzia, que com as suas tunicas sujas, a sua comprida barba mal cuidada e a sua voz gritante, apresentam um aspecto bastante desagradável. São refugiados da guerra, que encontraram em Viena meios para viver e não estão dispostos a marchar para a sua nova pátria: a Polónia.

A multidão apetece-lhe generalizar, e pela culpa de alguns, o seu ódio volta-se contra uma raça inteira. Esquece que os judeus não formam uma frente económica unida, senão que ao lado dos «novos ricos» hebreus da Áustria e da Hungria há multissimos israelitas aos quais a guerra e a revolução lançaram na miséria mais horrorosa. Assim os intelectuais de Viena e de Budapeste, que na sua maioria se recrutam igualmente entre os judeus, morrem de fome entre a dupla pressão dos comerciantes rapaces e os camponeses egoístas. Mas não importa: as massas procuram o culpado de toda as suas misérias e encontram-no na pessoa do judeu.

Quando Serafim da Silva estava, um dia transacto, no gabinete do chefe dos guardas-fios, muito distante do gabinete de S. Bernardo, este senhor, com a Batailha em punho, invadiu, colérico, aquele gabinete, fechando imediatamente a porta, dando a Batailha quasi na cara do ofendido, que estava muito sossegado no desempenho de um serviço qualquer, porque este órgão, defensor dos oprimidos, prezava-se de dizer a verdade quando é preciso que se diga.

Se Serafim da Silva não se puzesse alívio, sem contudo, perder a compostura, era certo que ele levava uma coça. Sendo S. Bernardo quem foi ao encontro da vítima, a um outro gabinete, ameaçando-o, insultando-o e quasi o agredindo, infringiu a lei—abusando da sua situação de superior—suspendendo o guarda-fios em questão.

Devia abandonar o lugar a outro superior, e este é que teria a competência de suspender Serafim, intentando-se a sua suspensão. Como é costume e de lei pagar-se os bilhetes dos electricos quando o qualquer empregado vai em serviço, Serafim da Silva, com todos os requisitos da praxe, juntou uma porção de papel e requereu, em papel selado, a fim de S. Bernardo pôr a sua assinatura.

A todos faz esse serviço obrigatório, menos a sua vítima. Serafim da Silva, cumprindo todas as determinações do regulamento disciplinar, solicitou, muito respeitosamente, a S. Bernardo, licença para enviar uma caixa contra as suas perseguições, pedindo providências a quem de direito. S. Bernardo negou-se. Serafim da Silva, no intuito de ver a consequência da Associação de Lisboa, interveio, e seu filho, enviou um telegrama, pagando-o a dita Associação.

S. Bernardo conseguiu, apelando para seus apunhações, sustar o telegrama, baseado-se no n.º 3.º do artigo 97.º da organização dos correios e telégrafos, que não permite que se ofendam os poderes constituídos ou autoridades, poder constituído, ministro, chefe de Estado, mas um simples empregado publico, embora superior, a quem o povo paga. S. Bernardo, pretendendo, por todas as formas, tirar o pio a Serafim da Silva, teve a jesuitice de telefonar, ao que consta, ao sr. José Domingues dos Santos, ministro—ora demissionário do comércio, apontando-o como sidonista, quando José Domingues dos Santos, juntamente com Serafim da Silva, esteve preso no Aljube pela mesma causa—o de combater a Traulitânia—como de resto a combater o proletariado.

grandes pancadas de calcanhar na barriga, desapareceram num galope doido, indo à avestua, sempre a direito.

—E' a fogueira deles á entrada da cová, sussurrou Adelardo.

Redobrando de precauções, foram-se acercando até ficarem a curta distância da saída. Distinguiam agora perto dum braço uma forma humana erecta, com alguma coisa que podia ser uma escopeta, e outras duas formas imóveis, meio deitadas, encostadas à parede.

—Uma sentinela e dois homens! Nós os vancereiros, disse baixinho Santa-fierno. Ocupai-vos dos que dormem; da sentinela me encarrego eu.

Flexível como uma serpente, agachou-se e rastejou, passando adiante de Adelardo, e chegou a dez passos do vigia, que lhe voltava agora as costas, não supotido que lhe pudesse vir um ataque do interior da gruta, onde só havia um prisioneiro desarmado.

Santa-fierno levantou-se, deu mais dois passos e pulou repentinamente sobre o homem. Este último voltou-se ao rumor e apontou a arma; mas não teve tempo de disparar: no mesmo instante o cavaleiro, caindo sobre ele entorpecido, ardeu a gorda até ao cabo. Adelardo apanhou logo o bacamarte caído das mãos do guarda, com uma coronhuda furiosa, esmagou a cabeça de um dos dormidores. O outro acordou: era um velho, Matusalem.

Misericórdia gemeu ele.

Adelardo deu uma gargalhada: tinha cruéis injurias a vir. Com mão de ferro, agarrou pelas nuças o velho

bandido e a esganou-o, quando o dominicano disse:

—Um instante! Por mais criminoso que seja esse homem, tem uma alma a salvar.

—Senhor monge, disse Matusalem desviado, salvi-me!

—Aonde foram os seus companheiros? perguntou Olivar.

—Foram... piedade, senhores!... roubar o castelo de Santa-fierno.

Respondendo-lhe um rugido, emitido pelo cavaleiro, que tão repentinamente sabia da expedição dirigida contra o seu solar. No mesmo instante, recebia Matusalem uma punhalada das mãos de Santa-fierno e absolvição in extremis das de Olivar.

—A morte do corpo e a salvação da alma disse gravemente o dominicano.

—Leve-lhe o diabo a alma bradou Santa-fierno. Ao castelo sem perda de um momento!

—Como exclamou Adelardo. Pretendeis alcançar a quadrilha, que nos leva pelo menos três horas de dianteira, e dar batalha a doze ou quinze homens?

—Eu daria batalha ao próprio Santafierno! Recolheiros as armas desses marionetas.

Já os dois cavaleiros se tinham apoderado das escopetas e navalhas. Quando a frei Olivar, pegou apenas num machado que estava ao lado do cadáver do Matusalem. Frio e sempre senhor de si não sentia pelo combate nem ardor nem pavor. Se Deus quizesse que ele avariasse de sangue o seu habito branco, combateria com a mesma serenidade com que orava. Era aquela época em que o papa Júlio II guerreava de capacete na cabeça e de espada na mão.

Fora da caverna, o campo era deserto. Ao claro lúcido do luar, estendia-se uma estrada, bordejada por uma dupla file de altos e magros pinheiros, semelhantes a imóveis espectros negros. A cem passos mais adiante, adensavam-se em sombria massa as duas fileiras de árvores.

—A floresta de Santa Cruz, disse o dominicano. E' nesta direcção o castelo.

Estendeu a mão para o lado do nascente.

A floresta de Santa Cruz, na realidade, não passava de um bosque com uma légua de comprimento e uma largura pouco menor. Para os habitantes do planalto árido e nu das Castelas, improváveis destruidores de árvores por ódio às avaras ladras de colheitas, esse bosque merecia bem o nome enfático de floresta.

Como se há de guiar a gente, de doite, através destes mattsos? murmurou Adelardo. Nem o diabo seria capaz de ver aqui. Olhai!... Que é isto?

Baixou-se para uma massa confusa que jazia no chão a quatro passos dele. Não era mais do que um cadáver! disse Santa-fierno, ao levantar, Adelardo a massa em questão.

Continua.

A BATALHA NO PORTO

¿Outra greve em perspectiva? O pessoal menor dos correios e telégrafos reúne para apreciar as violências de que é vítima

PORTO, 9.—Tenho dito, por várias vezes, que as perseguições levadas a efeito pelos rancorosos S. Bernardos, um dos quais, o que está nesta cidade, fôra corrido da capital, por idénticas proezas, logo após o triunfo da primeira greve—tem indignado a classe telegrapho-postal, aumentando, dia para dia, o desassossego. A prova de que assim era, está no facto de ontem, na Liga das Artes Gráficas, reunir o pessoal menor dos correios e telégrafos para apreciar as referidas violências e levantar a sua voz colectiva de protesto.

Foi uma reunião importante e simpática, por ser de interesse moral, onde predominou a mais franca solidariedade e a maior repulsa pelos atentados dirigidos à dignidade da classe, tanto da capital, como daqui. Como é natural, fizeram-se largas referências às perseguições exercidas, em especial, pelo já célebre João Bernardo de Figueiredo, que, depois de receber o seu ordenado da Traulitânia por a ter servido, recebeu-o também da República reimplantada, comendo assim das duas situações políticas. E já que na reunião se tratou do despotismo de S. Bernardo, como do despotismo dos seus partidários anichados em Lisboa, seja-me permitido acrescentar mais alguns informes ao que já tenho dito.

Conseguí averiguar que a principal vítima de S. Bernardo, é Serafim da Silva—recebendo a confirmação na reunião referida—que já em tempos, sob o pretexto de que não queria revolucionários na repartição, nem republicanos, S. Bernardo transferia para Mangualde, embora este senhor, hoje, se diga chefe-revolucionário dum comité secreto e republicano do norte. Agora a perseguição redobrou de fúria, e de tal natureza, que todos os empregados menores se compadecem da sorte de Serafim da Silva, que foi suspenso depois de S. Bernardo o ter ameaçado de o agredir na rua, além dos insultos a que já aliudi e de que a classe mal sabia do caso, mas que foi sabendo pelas notícias de A Batailha, que está ganhando a simpatia do pessoal menor dos correios e telégrafos.

Quando Serafim da Silva estava, um dia transacto, no gabinete do chefe dos guardas-fios, muito distante do gabinete de S. Bernardo, este senhor, com a Batailha em punho, invadiu, colérico, aquele gabinete, fechando imediatamente a porta, dando a Batailha quasi na cara do ofendido, que estava muito sossegado no desempenho de um serviço qualquer, porque este órgão, defensor dos oprimidos, prezava-se de dizer a verdade quando é preciso que se diga.

Se Serafim da Silva não se puzesse alívio, sem contudo, perder a compostura, era certo que ele levava uma coça. Sendo S. Bernardo quem foi ao encontro da vítima, a um outro gabinete, ameaçando-o, insultando-o e quasi o agredindo, infringiu a lei—abusando da sua situação de superior—suspendendo o guarda-fios em questão.

Devia abandonar o lugar a outro superior, e este é que teria a competência de suspender Serafim, intentando-se a sua suspensão. Como é costume e de lei pagar-se os bilhetes dos electricos quando o qualquer empregado vai em serviço, Serafim da Silva, com todos os requisitos da praxe, juntou uma porção de papel e requereu, em papel selado, a fim de S. Bernardo pôr a sua assinatura.

A todos faz esse serviço obrigatório, menos a sua vítima. Serafim da Silva, cumprindo todas as determinações do regulamento disciplinar, solicitou, muito respeitosamente, a S. Bernardo, licença para enviar uma caixa contra as suas perseguições, pedindo providências a quem de direito. S. Bernardo negou-se. Serafim da Silva, no intuito de ver a consequência da Associação de Lisboa, interveio, e seu filho, enviou um telegrama, pagando-o a dita Associação.

S. Bernardo conseguiu, apelando para seus apunhações, sustar o telegrama, baseado-se no n.º 3.º do artigo 97.º da organização dos correios e telégrafos, que não permite que se ofendam os poderes constituídos ou autoridades, poder constituído, ministro, chefe de Estado, mas um simples empregado publico, embora superior, a quem o povo paga. S. Bernardo, pretendendo, por todas as formas, tirar o pio a Serafim da Silva, teve a jesuitice de telefonar, ao que consta, ao sr. José Domingues dos Santos, ministro—ora demissionário do comércio, apontando-o como sidonista, quando José Domingues dos Santos, juntamente com Serafim da Silva, esteve preso no Aljube pela mesma causa—o de combater a Traulitânia—como de resto a combater o proletariado.

grandes pancadas de calcanhar na barriga, desapareceram num galope doido, indo à avestua, sempre a direito.

—E' a fogueira deles á entrada da cová, sussurrou Adelardo.

Redobrando de precauções, foram-se acercando até ficarem a curta distância da saída. Distinguiam agora perto dum braço uma forma humana erecta, com alguma coisa que podia ser uma escopeta, e outras duas formas imóveis, meio deitadas, encostadas à parede.

—Uma sentinela e dois homens! Nós os vancereiros, disse baixinho Santa-fierno. Ocupai-vos dos que dormem; da sentinela me encarrego eu.

Flexível como uma serpente, agachou-se e rastejou, passando adiante de Adelardo, e chegou a dez passos do vigia, que lhe voltava agora as costas, não supotido que lhe pudesse vir um ataque do interior da gruta, onde só havia um prisioneiro desarmado.

Santa-fierno levantou-se, deu mais dois passos e pulou repentinamente sobre o homem. Este último voltou-se ao rumor e apontou a arma; mas não teve tempo de disparar: no mesmo instante o cavaleiro, caindo sobre ele entorpecido, ardeu a gorda até ao cabo. Adelardo apanhou logo o bacamarte caído das mãos do guarda, com uma coronhuda furiosa, esmagou a cabeça de um dos dormidores. O outro acordou: era um velho, Matusalem.

Misericórdia gemeu ele.

Adelardo deu uma gargalhada: tinha cruéis injurias a vir. Com mão de ferro, agarrou pelas nuças o velho

bandido e a esganou-o, quando o dominicano disse:

—Um instante! Por mais criminoso que seja esse homem, tem uma alma a salvar.

—Senhor monge, disse Matusalem desviado, salvi-me!

—Aonde foram os seus companheiros? perguntou Olivar.

—Foram... piedade, senhores!... roubar o castelo de Santa-fierno.

Respondendo-lhe um rugido, emitido pelo cavaleiro, que tão repentinamente sabia da expedição dirigida contra o seu solar. No mesmo instante, recebia Matusalem uma punhalada das mãos de Santa-fierno e absolvição in extremis das de Olivar.

—A morte do corpo e a salvação da alma disse gravemente o dominicano.

—Leve-lhe o diabo a alma bradou Santa-fierno. Ao castelo sem perda de um momento!

—Como exclamou Adelardo. Pretendeis alcançar a quadrilha, que nos leva pelo menos três horas de dianteira, e dar batalha a doze ou quinze homens?

—Eu daria batalha ao próprio Santafierno! Recolheiros as armas desses marionetas.

Já os dois cavaleiros se tinham apoderado das escopetas e navalhas. Quando a frei Olivar, pegou apenas num machado que estava ao lado do cadáver do Matusalem. Frio e sempre senhor de si não sentia pelo combate nem ardor nem pavor. Se Deus quizesse que ele avariasse de sangue o seu habito branco, combateria com a mesma serenidade com que orava. Era aquela época em que o papa Júlio II guerreava de capacete na cabeça e de espada na mão.

Fora da caverna, o campo era deserto. Ao claro lúcido do luar, estendia-se uma estrada, bordejada por uma dupla file de altos e magros pinheiros, semelhantes a imóveis espectros negros. A cem passos mais adiante, adensavam-se em sombria massa as duas fileiras de árvores.

—A floresta de Santa Cruz, disse o dominicano. E' nesta direcção o castelo.

Estendeu a mão para o lado do nascente.

A floresta de Santa Cruz, na realidade, não passava de um bosque com uma légua de comprimento e uma largura pouco menor. Para os habitantes do planalto árido e nu das Castelas, improváveis destruidores de árvores por ódio às avaras ladras de colheitas, esse bosque merecia bem o nome enfático de floresta.

Como se há de guiar a gente, de doite, através destes mattsos? murmurou Adelardo. Nem o diabo seria capaz de ver aqui. Olhai!... Que é isto?

Baixou-se para uma massa confusa que jazia no chão a quatro passos dele. Não era mais do que um cadáver! disse Santa-fierno, ao levantar, Adelardo a massa em questão.

Continua.

TRINDADE

S. T. L. da

Empreza Taveira

HOJE—A rainha das revistas

CHÁ E TORRADAS

Enchentes consecutivas

Exito desigualável

Desempenho primoroso

SINDICATOS

da PROVÍNCIA

Córticeiros do Seixal.—Reúnem a assembleia geral para apreciar a circular n.º 5 da C. G. T. e, depois de compreendidos os motivos porque a Confederação teve de lançar mão do recurso do aumento da cota, foi resolvido aumentar a cota sindical, a qual passou a ser de \$10 centavos semanais, começando a vigorar desde a primeira semana deste mês.

Tratou-se também de conseguir a expulsão da Fábrica Murfied, do encargo da escolha dos discos, Cristiano da Cunha, pois que se provou que reincidia em dirigir palavras obscenas e vexatórias às operárias que trabalhavam sob as suas ordens, tentando abusar da sua camarada e como ela não cedesse aos seus caprichos, ameaçou-a com o despedimento.

Tendo-se essa camarada queixado à Associação de Classe, esta tratou de pôr cobro a tais infâmias, sendo nomeada uma comissão que tratou de procurar o dono da fábrica, que respondeu que já tinha chamado e repreendido o Cristiano.

A comissão manteve a exigência da classe, lembrando-lhe o que se tinha passado com a readmissão dum operário, que a classe impôs pela força, declarando que se nesse tempo fosse dono da fábrica preferiria lançar-lhe fogo.

Mas o pessoal não desistiu, e não entrou no portão da fábrica enquanto o tal encarregado não foi expulso, o que se conseguiu.

Apreciada a questão, a assembleia resolveu que, por intermédio de A Batailha, se desse publicidade a este caso, para que os camaradas fiquem conhecendo as infâmias do referido tratamento.

Sindicato Unico da Construção Civil do Porto.—Comissão de Melhoramentos. Reúnem no dia 8 as comissões dos proprietários, mestres de obras e Sindicato Unico da Construção Civil, para procurar resolver a greve parcial dos pintores e estuadores, que ficou solucionada da seguinte forma: oficiais, \$300; meios oficiais, 250; aprendizes, 150 e rapazes principiantes, \$50. Estes salários são como mínimos e dentro do período máximo de 8 horas de trabalho, salvaguardando-se os salários que já se encontram mais elevados, ficando a vigorar desde o dia 5 do corrente.

Resolvem-se ficar para novo estudo a petição do trabalho dos balaios, assim como a abolição do alvalde de chumbo que vai ser presente ao parlamento, com a sanção das partes acima mencionadas.

Camaradas: ¿Quereis que de facto este salário seja cumprido? Isso está na vossa mão, porque sois os interessados e não os mestres nem proprietários, que só vos pretendem explorar.

Construção Civil de Parede e Arredores.—Realiza-se hoje, pelas 18 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: Leitura do relatório de contas de 1919, apreciação da situação de A Batailha e outros assuntos referentes à organização.

Que nenhum camarada falte, pois a hora é de união para todos os que se dizem conscientes e que sentem o mal estar, provocado pelos nossos inimigos, entre eles os assambradores.

Trabalhadores: Léde e propagai A BATALHA.

\$25 centavos de reforma!

Conta-nos um velho operário, Joaquim Gonçalves, travessa de St. Quinte, 2, 1.º E, que tendo sido vítima, em janeiro de 1907, dum desastre nas obras das Cortes, onde trabalhava, ficando com os braços e as pernas quebradas, além de ferimentos na cabeça e no resto do corpo, a filantropia oficial reformou-o com \$25 centavos, pedindo-nos que apresentemos em público a sua difícil situação, o que ninguém ousará contestar, a ver se nas altas esferas se lembram de lhe aumentar a importância da reforma.

E, na verdade, revoltante que assim se pague a um infeliz que se inutilizou em serviço do Estado, que está alimentando tanto tubarão.

bandido e a esganou-o, quando o dominicano disse:

—Um instante! Por mais criminoso que seja esse homem, tem uma alma a salvar.

—Senhor monge, disse Matusalem desviado, salvi-me!

—Aonde foram os seus companheiros? perguntou Olivar.

—Foram... piedade, senhores!... roubar o castelo de Santa-fierno.

Respondendo-lhe um rugido, emitido pelo cavaleiro, que tão repentinamente sabia da expedição dirigida contra o seu solar. No mesmo instante, recebia Matusalem uma punhalada das mãos de Santa-fierno e absolvição in extremis das de Olivar.

—A morte do corpo e a salvação da alma disse gravemente o dominicano.

—Leve-lhe o diabo a alma bradou Santa-fierno. Ao castelo sem perda de um momento!

—Como exclamou Adelardo. Pretendeis alcançar a quadrilha, que nos leva pelo menos três horas de dianteira, e dar batalha a doze ou quinze homens?

—Eu daria batalha ao próprio Santafierno! Recolheiros as armas desses marionetas.

Já os dois cavaleiros se tinham apoderado das escopetas e navalhas. Quando a frei Olivar, pegou apenas num machado que estava ao lado do cadáver do Matusalem. Frio e sempre senhor de si não sentia pelo combate nem ardor nem pavor. Se Deus quizesse que ele avariasse de sangue o seu habito branco, combateria com a mesma serenidade com que orava. Era aquela época em que o papa Júlio II guerreava de capacete na cabeça e de espada na mão.

Fora da caverna, o campo era deserto. Ao claro lúcido do luar, estendia-se uma estrada, bordejada por uma dupla file de altos e magros pinheiros, semelhantes a imóveis espectros negros. A cem passos mais adiante, adensavam-se em sombria massa as duas fileiras de árvores.

—A floresta de Santa Cruz, disse o dominicano. E' nesta direcção o castelo.

Estendeu a mão para o lado do nascente.

A floresta de Santa Cruz, na realidade, não passava de um bosque com uma légua de comprimento e uma largura pouco menor. Para os habitantes do planalto árido e nu das Castelas, improváveis destruidores de árvores por ódio às avaras ladras de colheitas, esse bosque merecia bem o nome enfático de floresta.

Como se há de guiar a gente, de doite, através destes mattsos? murmurou Adelardo. Nem o diabo seria capaz de ver aqui. Olhai!... Que é isto?

Baixou-se para uma massa confusa que jazia no chão a quatro passos dele. Não era mais do que um cadáver! disse Santa-fierno, ao levantar, Adelardo a massa em questão.

Continua.

A BATALHA

NA PROVÍNCIA

NOS ARREDORES

ALMADA, 8

Em volta dos serviços camarários

Não é só lá no alto que impera o caos. Toda a organização do estado burguês enfrenta os mesmos males, que se concretizam na miséria, na falta de capacidade e no relaxamento, que proclamam o ataque à câmara municipal desta terra que, em matéria de administração e estado de vários problemas de interesse publico, é de um relaxamento sem precedentes.

O pessoal que tinha no seu serviço abandonou-o, por que, farto de trabalhar a meio de salário, entendendo que não podia estar trabalhando quasi de sol a sol e morrer de fome, mas a nossa câmara, que raras vezes deu-se ao trabalho de fazer a conta, e segundo nos informam, resolveu despedir o referido pessoal e admitir outro.

Os vereadores que lá estão, e se dizem socialistas, não se importam com a miséria humana injusta, contra a qual os indignados protestam, por que a câmara não cumpria o seu dever para com os operários, visto que até transgredia a lei das oito horas de trabalho, com consentimento dos tais senhores vereadores socialistas!

Podemos dizer altamente, sem que ninguém se queira desmentir, que a nossa câmara é uma verdadeira câmara de roubo, com cabeças de peixe podres e até delectos humanos, isto por causa do criminoso relaxamento da câmara.

Mas o que se dá com a limpeza das ruas dá-se igualmente com os edificios que, com as excepções, se encontram num estado de deplorável abandono, sem que haja alguém que obrigue os respectivos donos a cumprir a postura municipal pela qual são obrigados a tratar da limpeza dos seus prédios e a manter a câmara.

E para acabar diremos que em Almada não há limpeza, não há luz e, desgraçadamente, a água mal chega para o consumo da população, sem que se pague a mais de cinco escudos o metro cubico e ainda é por favor.

PINHAL NOVO, 9.

Impere a fome!—¿Onde vamos parar? E' revoltante o que aqui se passa, na terra onde se cria tanto pão, pois se não há um bloco feito de toda a miséria que a moagem quer, e a que dão o nome de pão, porém a compuseram este mal que se encontra nos padeiros cá da terra a quem não falta.

Estamos, pois, condenados a morrer de fome! Que esperam estas senhoras do Cabido da Assembleia? Que esperam os seus governantes dum estado destes, em que o povo está cheio de fome e miséria, revoltado até ao extremo?

É uma calamidade isto tem de terminar! Compemtem-se de que tantos crimes não podem por mais tempo prevalecer—C.

NUBENTUDOS SINDICALISTAS

Núcleo de Olhão.—Reúnem a comissão administrativa, apreciando o expediente, que constava de duas circulares da U. J. S. P. Analisou a situação interna do núcleo, sendo resolvido apelar mais uma vez a todos os jovens que se encontram em atraso de cotas para que as satisficam no mais curto espaço de tempo. Tomou conhecimento das violências levadas a efeito contra o fiscaez Francisco Faxeira, que para satisfazer os ruins instintos dos armadores e das autoridades locais, o mantem preso, sem que lhe tenham sido pagas as cotas de 1919, tocando a cada um de 250.

É uma calamidade isto tem de terminar! Compemtem-se de que tantos crimes

